

TABUS LINGÜÍSTICOS

R. F. MANSUR GUÉRIOS

Continuação

Apresentemos agora, desenvolvidamente, vários animais cujos nomes têm sido tabuizados.

AVES. — De todos os animais, os sêres que mais se sobressaem como portadores ou de felicidade ou de malignidade, são os voláteis — aves e insetos. São as aves, diz FRANCISCO S. G. SCHADEN, “os representantes mais numerosos da categoria dos “animais sagrados”. “A faculdade de elevar-se a grandes alturas e de cortar os ares em rápido vôo deve ter impressionado profundamente o espírito do homem primitivo como algo de misterioso e de inacessível aos sêres humanos. Não admira, pois, que tantas religiões aborígenes estabeleçam uma conexão entre as aves e as almas dos defuntos. . .” ¹⁴⁶.

Os Guaicurus evocam o macauã, mensageiro que traz benefícios das almas ¹⁴⁷. Esta mesma ave, também chamada acauã, é tida, entre as populações da Amazônia, como agoureira; seu grito anuncia desgraça ou a morte ¹⁴⁸.

Os Araés (do Xingu, rio das Mortes e lado ocidental do Araguaia) afirmam que as araras, com gritos, os advertem da chegada de gente branca ^{148a}.

A coruja é outra ave de mau agouro. Parece que *ujo* (registrado em Figueiredo, 4.^a ed.) é um acautelado abreviamento masculino, de *coruja*. JOÃO DA SILVA CORREIA anotou, em Portugal, a designação *a maldita* aplicada à coruja. Não menos temidos são o môcho (uma espécie é qualificada *môcho-diabo*), a suindara e a rasga-mortalha.

146. *Índios e Caboclos*, sep. da “Rev. do Arquivo Municipal”, S. Paulo, 1949, p. 56.

147. FRANCISCO S. G. SCHADEN, o. c., p. 56.

148. Id., ib., p. 56.

148a. COUTO DE MAGALHÃES, *Viagem ao Araguaia*, 3.^a ed., 1934, p. 154. p. 154.

Há espíritos que se encarnam em animais, como o urutau, que é um duende sob a forma de ave; é a encarnação de uma alma penada; protege as donzelas contra as seduções ¹⁴⁹.

Pombinha-das-almas é o nome de um minúsculo colombino da avifauna paulista.

Há um pássaro da Amazônia que se chama *alma-perdida*.

Se não é tão curiosa a denominação de uma ave da Madeira — *alma-negra* — é-o pelo fato de possuir outro nome, — *anjinho* (CÂNDIDO DE FIGUEIREDO), o que deve ser qualificação de irônico.

As aves, entre os Romanos, podiam ser, genêricamente, de bom agouro — *bonae* ou *secundae aves*, e de mau agouro — *aves malae* ou *sinistrae* ou *adversae*. Uma desta é a coruja, cujo nome *strix* (em grego *strigx*) ou *striga* se applicava também à feiticeira e ao vampiro.

Em latim popular a coruja era denominada *praesaga* (*avis*), isto é, “ave que pressagia” (BLOCH-WARTBURG). Outra sua designação era *noctua*, provavelmente *noctua avis*, “ave noturna”.

Em alemão, a coruja, além de *Eule*, *Nachteule* (composto de *nacht*, “noite”), é chamada *Totenvogel*, “ave dos mortos”.

Na Nigéria, Africa, teme-se o môcho; é ave de mau agouro, e evitam declarar-lhe o nome; dizem que é “a ave que mete medo”.

Na Suécia, tem-se precaução quando se fala no cuco, no môcho e na pêga, aves da feitiçaria.

Na Suíça ocidental, o gavião é lisonjeado com o nome *bon oiseau* ¹⁵⁰.

Parece que, em Portugal, a preferência à designação *pêga* e conseqüente postergação de *urraca* (de procedência ibérica), explica-se por se atribuir a esta mau agouro ¹⁵¹.

149. A. MEYER, *Guia do Folclore Gaúcho*, s. v. urutau.

150. W. v. WARTBURG, *Problèmes et Méthodes de la Linguistique*, 1946, p. 158.

151. No *De Folklore Salmantino* documenta P. CÉSAR MORÁN: “Cuando cante la urraca encima de un tejado es que se va a

Entre os Cheroquis (América do Norte), quando uma águia é morta em vista de uma dança ritual, anuncia-se a morte de um “verdilhão de neve”. Pretendem assim enganar os espíritos das cobras e das águias, os quais poderiam ouvi-los (FRAZER).

Certamente, por interdição ou pelo respeito à ave, o nórdico antigo *orn*, “águia”, conservou, em dialetos noruegueses, o grupo consonântico *rn*, o qual, em outros vocábulos, passou a *nn* ou *dn* ^{151a}.

Em Malaca, península asiática, o pajé que está para caçar pombos, evita os nomes comuns dos instrumentos de que se serve. O pombal é o “príncipe mágico”; o chamariz é a “princesa acocorada”; a vareta com o nó corrediço para prender a ave tem o nome de “príncipe-convite”; as argolas destinadas a resvalar ao pescoço ou às patas dos pombos são chamadas “colares” e “braceletes do rei Salomão”; a armadilha é “a sala de audiência do rei Salomão” ou “uma torre de palácio” ou “sala de marfim de tapêtes de prata”. Chamam às pombas — “princesas” (FRAZER).

Na Rússia Branca, na noite do Natal, os pardais são chamados *slepci*, isto é, “os cegos”, para que não vejam as sementes e as comam (HAVERS).

No Brasil, *velho* e *velhinha* são nomes aplicados a uma ave (*Arundinicola leucocephala*).

No interior de S. Paulo, *baia* e *morena* são nomes que dão à perdiz os caçadores do campo ^{151b}.

BORBOLETA, etc. — A borboleta, símbolo da imortalidade da alma, é tida como “espírito”, “alma”, por isso a denominação *psyché*, “borboleta”, em grego; *ispiritu*, idem, na Sar-

morir uno de aquella casa” (*Miscelânea*... Dedicada a J. L. DE VASCONCELOS, p. 293). Foi proposto para étimo de *urraca* o lat. **fura* (de *fur*) + *ka*, i. é, “a ladra”, e assim foram chamados certos animais que roubam (pêga, rapôsa). V. “Rev. Port. de Filol.”, V, I-II, Coimbra, 1952, p. 34-35.

151a. V. PISANI, *Geolinguística e Indeuropéo*, Roma, 1940, p. 218.

151b. VALDOMIRO SILVEIRA, *Nas Serras e nas Furnas*, S. Paulo, s/d, p. 226 e 247.

denha, etc., e, como tal, “voa ao paraíso entre anjos e santos, assim também ao inferno entre demônios e bruxas”¹⁵². Portanto, à imagem da “alma”, diz BERTOLDI, se associa algumas vezes a de Maria Santíssima, de S. Pedro, do paraíso, do purgatório, etc., nas denominações das borboletas diurnas, e, nas ditas noturnas, aranhas, vespas, alia-se frequentemente à mesma imagem da alma a do demônio e de bruxas.

Mas também se podem explicar essas qualificações contraditórias como as que se verificam nos demais nomes sujeitos à tabuagem — denominações eussêmicas ou hipocorísticas, e designações irônicas ou disfêmicas.

Entre aquelas, citemos: Itália — *ánima dela Madona, ánima del paradiso, animela de San Pero, gallinetta* ou *pécora della Madonna*¹⁵³, *bestia della Vergine, galina del Signur*, etc. — tôdas a referir-se à coccinela; *ánima santa di lu purgatorie* (uma borboleta escura), *spirito santo, angioleddu* (“anjinho”), etc. — várias espécies de borboleta.

França — *ange* (“anjo”), *anjoulet* (“anjinho”), etc. — borboletas.

Irlanda — *anaman-de* (“alma de Deus”) — borboleta.

Na língua basca — *jincollo* — borboleta — corradical de *Jinco*, “Deus”.

Da segunda qualificação: Na Itália — *ánima del diávolo* — uma espécie de vespa; *striga* — borboleta e espantalho noturno; *farfariello* (dim. de *farfalla*, “borboleta”) — demônio; etc.

Na França — *papillon du démon, parpayooun doou diable* (“borboleta do diabo”) — “Sphinx atropos”; *fada* (“bruxa”) — borboleta; *fada estranha* — espécie de aranha; *sorcière* (“feiticeira”) — borboleta; etc.

No basco — *farfala* — borboleta noturna e diabo; *inguma* — incubo e borboleta noturna (do lat. *incubus*).

Na Suíça — *togelli* — incubo e borboleta noturna.

152. V. BERTOLDI, *Il Linguaggio Umano*, Nápoles, 1949, p. 69.

153. Isto lembra *galinhas de Nossa Senhora*, “nome popular das borboletas brancas das couves” (PIEL).

Em grego — *epialos*, *epiolos* além de “falena” é “pesadelo, incubo”. A forma *ephiáltes*, “demônio incubo, pesadelo”, deve ter sido uma deformação voluntária daqueles ou, melhor, de *epiáles*, com o mesmo sentido, além de “febre contínua”.

“Todos os insetos crepusculares, diz CÂMARA CASCUDO, fazendo irrupção brusca pelas salas, atraídos pela luz, são metamorfoses da bruxa, borboletas, besouros...”¹⁵⁴.

Em Portugal, como no Brasil, *bruxa* é também o nome de uma borboleta crepuscular e noturna, assim como na Espanha — *bruja*¹⁵⁵, e no Brasil *bruxo* é um inseto nocivo. Sinônimo daquela é *carocha*, também nome de um inseto, e cujo masculino é ainda sinônimo de diabo.

Como se crê que uma borboleta branca traz novidades alvissareiras, dá-se-lhe, em Portugal, o nome de *boa-nova*¹⁵⁶.

Em russo, a borboleta é *babotska*, “papaizinho”, e no reto-romano *mammadonna*, “avó”¹⁵⁷. Estas designações lembram outras, similares, aplicadas a vários animais (urso, lobo, doninha, etc.), e, por outro lado, tenhamos presentes as denominações eufêmicas para o demônio — “avô”, “avozinho” — p. ex., entre os Eslavos.

Outro nome da borboleta noturna, em basco, é *astoaren-arima*, isto é, “alma do asno”, animal divinizado sob a denominação de *Astoilunno*, “asno preto”¹⁵⁸. Deveu aquela locução encobrir o nome verdadeiro do inseto.

Entre as muitas denominações galegas da coccinela, inseto ao qual se tributa veneração, salientam-se — *bichiño de*

154. *Dic. do Folclore Bras.*, s. v. *bruxa*.

155. J. L. DE VASCONCELOS, *Opúsculos*, III, p. 609. — *Pequeno Dic. Bras. da L. Port.*, s. v. — FIGUEIREDO, *Novo Dic.*, s. v.

156. J. SILVA CORREIA, *O Eufemismo e o Disfemismo...*, p. 485. — FIG., *Novo Dic.*, s. v.

157. V. BERTOLDI, *Il Linguaggio Umano*, p. 33. Este A. abona as conclusões de W. OEHL: “As palavras difundidas em tôdas as línguas do mundo para indicar a borboleta coincidem habitualmente com os termos em uso para indicar o pai ou a mãe, representados sempre por vocábulos de feitura infantil, como *papa, tata, mama, nana*”.

158. V. BERTOLDI, *Onomastica Iberica e Matriarcato Mediterraneo in “Rev. Port. de Filol.”*, v. II, 1948, p. 2.

Diós, paxariña de Diós (passarinho de Deus), *deviñon* (adivinhador), e personificações hipocorísticas: *Xoaniña* (*Joaniña*, como em Portugal), *Margarita*, *Mariquiña*, *Mariquita*, *Maruxiña*, *Teresa*, *Xoana*, etc. ^{158a}.

ABELHA. — Consoante SPECHT ¹⁵⁹, os idiomas indo-europeus possuíam um velho nome para a abelha — **bhei-* — ao qual se apunha *-k-* ou *-t-* ou ainda *-n-*: alto alem. ant. *bîa* < **bî-h-a* < **bi-k-a* = **bhi-k-o* > irlandês *bech* = *bhi-k-ela* > eslavo ant. *bichela* = **bhoi-kos* > lat. *fucus*, “moscardo, tabão”.

Lituano *bi-t-is* = pruss. ant. *bi-tt-e*. Alto alem. ant. *bi-n-i*.

ERNOU e MEILLET ¹⁶⁰ são de opinião que com o lat. **ap-*, **api-*, “abelha” tenha **bhei-* alguma relação, sem se poder precisar. Esse radical não é atestado fora daí (bem entendido, no i.-e.). Não resta dúvida que estamos perante a preocupação tabuística.

No grego, conforme SCHWYZER, *mélissa*, “abelha”, é um vocábulo noa, derivado de **meli-lichia*, literalmente “de mel guloso”, correspondente ao sânscr. *madhu-lih-* ¹⁶¹.

Na família ugro-fínica, entre os Cheremissos, o nome para a abelha é *lind* — “pássaro” — ou *mezi-lind*, “pássaro do mel”.

A tabuização da abelha se explica por ser ela considerada como um ente sagrado. É, pois, tratada com temerosa veneração ¹⁶². Para os Mongóis, a abelha e a vespa são animais-almas, e, por isto, não as matam.

Era consagrada, entre os Heteus, à divindade babilônica

158a. F. BOUZA-BREY, *Nombres y Tradiciones de la “Coccinella Septempunctata” en Galicia*, sep. de “Cuadernos de Estudios Gallegos”, Madri, XI, 1948.

159. HAVERS, o. c., p. 52-53.

160. *Dict. Étym.*, s. v. *apis*.

161. HAVERS, o. c., p. 53, nota 1.

162. O culto da abelha se verifica atualmente na América, p. ex., na península de Iucatã. Há aí também deuses das abelhas. (R. REDFIELD, *Civilização e Cultura de Folk*, S. Paulo, 1949, p. 106, 129-130 e 144).

Istar, “a grande mãe dos deuses”. Representavam-na de pé numa abelha (162a.).

R. BLEICHSTEINER ¹⁶³ demonstra que, por temor religioso para com a abelha (tabu), em quase todos os povos caucásicos, ela não tem nome apropriado, mas expressões locucionais permitidas, que traduzem “a que faz algo no mato ou na árvore ou no tronco”, “a môsca do mel”, “a môsca das colmeias”, como, entre outros povos, é chamada “o animal que pertence à árvore ou ao pau” ou, simplesmente, “môsca”.

(Continua)

ADENDA:

Ao cap. 7 — tabus em nomes de pessoas: No italiano, o pronome *costui*, “êste”, serve para evitar a citação da pessoa de quem não se gosta. Os demônios, no canto VIII do *Inferno*, v. 84-85, referindo-se a Dante, empregaram a expressão: “...Chi è costui che, senza morte / va per lo regno della morta gente?” (A. Panzini, *Dizionario Moderno*, 9.^a ed., 1950, s. v. *costui*).

Ao cap. 17 — tabus em nomes de mortos: No italiano — *andare fra i più* — significa “morrer” (Zingarelli, *Voc. della L. Ital.*, 7.^a ed., 1953, s. v. *fra*).

Ao cap. 12 — tabus em nomes de espíritos malignos: Em Portugal — *o lá de baixo* = “demônio” (*RLP*, n.º 30, 1924, p. 166).

162a. *Everyman's Encyclopaedia*, 1951, v. 7, s. v. *Hittites*.

163. HAVERS, o. c., p. 53 a 55.